



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

Duane Rodrigues



**AFETO, CRIANÇAS E TRANSFORMAÇÕES NO ESPAÇO DA EDUCAÇÃO
INFANTIL:
um convite à vida!**



Porto Alegre
2. Semestre
2018

Duane Rodrigues

Afeto, crianças e transformações no espaço da educação infantil:
um convite à vida!

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção de título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Leni Vieira Dornelles

Porto Alegre

2. Semestre

2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por ter me dado saúde e força para que eu pudesse superar as dificuldades e concluir a graduação.

A esta universidade, seu corpo docente e administração, que oportunizaram a janela pela qual, hoje, vislumbro um horizonte superior.

Às minhas colegas de graduação, que viraram amigas, sem elas teria sido bem mais árdua a conclusão do curso: da UFRGS pra VIDA!!!

À minha orientadora Prof.^a Dr.^a Leni Vieira Dornelles, por todo suporte, pelas orientações, correções e pelos incentivos.

A meus alunos, professores e coordenação, de onde realizei meu estágio obrigatório e que permeou a conclusão deste trabalho.

Ao meu trabalho, “meu Colégio Concórdia”, que me acompanha desde o início dessa jornada.

Às minhas colegas/amigas de trabalho, que estão sempre acompanhando de pertinho minha formação como professora e estão, constantemente, dispostas a ajudar no que for preciso.

Aos meus queridos e amados alunos do “Integral”, que estão junto de mim, todos os dias, me dando força para que eu consiga seguir e concluir com sucesso.

À minha amada família, minha base, que está comigo em todos os momentos, me dando suporte e amor. Em especial, à minha mãe e às minhas irmãs. Amo vocês!

E a todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte da minha formação.

Muito obrigada!

RESUMO

O Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Pedagogia intitulado: “Afeto, crianças e transformações no espaço da educação infantil: um convite à vida!” trata de problematizar as questões do afeto e da amorosidade no trabalho com 24 crianças pequenas, de 4 a 5 anos, de uma escola infantil de Porto Alegre. Os questionamentos referem-se ao afeto e às suas transformações na educação infantil, quando isso implica em uma mudança no espaço no lugar das crianças viverem um tempo de sua infância na escola. Mostro o cuidado como uma forma afetiva de prática docente, do lúdico, do estético, que permeia as condutas realizadas dentro das práticas de educação infantil é fundamental para as mudanças e o desenvolvimento das crianças. Foi pensando nisso, que trato no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), das vivências com as crianças em um espaço pleno de afeto. Trago da importância da reorganização e preparo de cada momento da rotina escolar, de cada espaço de atuação das crianças. Foi necessário que esse lugar fosse permeado de propostas expressivas e sustentadoras de uma vivência plena de significados. Além dos ambientes propositores, foi preciso que se propiciasse, dentro da escola e da sala de aula, momentos em que as crianças pudessem interagir entre elas, com a professora e com o espaço propositivo. De algum modo, essa preparação envolveu a acolhida das crianças que manifestavam, a cada momento, seu prazer em interagir nesse novo lugar com os colegas e consigo mesmo. Concluo que a reorganização do espaço, as propostas cheias de significados, os afetos e amorosidades que perpassavam o trabalho com as crianças, de algum modo, colaboraram para que a mudança no seu desenvolvimento se efetivasse.

Palavras-chave: Afeto. Criança. Espaço. Amorosidade. Educação Infantil

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Autorretrato.....	16
Figura 2: Um canto da sala que virou cozinha confeccionada de papelão.....	16
Figura 3: Projeção e intervenções nas fotos.	18
Figura 4: Espelhos mágicos.....	19
Figura 5: Sala sendo preparada.	19
Figura 6: Nós e a sala.	20
Figura 7: Proposta de pintura-altura.....	20
Figura 8: Exposição de trabalhos.	22
Figura 9: Pintando tecido.	23
Figura 10: Espelhos mágicos.....	24
Figura 11: Pátio de areia com potes e colheres.	24
Figura 12: Pintura na argila.	25
Figura 13: Colorindo as camisetas.	26
Figura 14: Corredor com atividades produzidas pelos alunos.	26
Figura 15: Colorindo o chão do pátio.....	27
Figura 16: Utensílios de cozinha e cabanas no pátio.	28
Figura 17: Transformação do tecido.	28
Figura 18: Pintura das alturas.....	29
Figura 19: Autorretrato.....	30
Figura 20: Quando a proposta é decidida pelo aluno.	30
Figura 21: Proposta de transformação.....	31
Figura 22: Transformação na expressão gráfica de uma aluna.	34

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
1.1	JUSTIFICATIVA.....	7
1.2	A PRÁTICA DO CUIDADO	8
1.3	Objetivos	9
1.3.1	Geral	9
1.3.2	Específicos	9
1.4	MODO DE FAZER A PESQUISA COM CRIANÇAS	10
2	AFETIVIDADE: ALÉM DOS MUROS DA UNIVERSIDADE	12
3	OLHAR SENSÍVEL, ABRAÇO ACOLHEDOR E UMA ESCUTA ATENTA...	14
3.1	DO OLHAR E OUVIR SENSÍVEL	14
3.2	DO ESPAÇO SENSÍVEL	17
4	UM CONVITE À VIDA!	22
5	ALGUMAS CONSIDERAÇÕES: O QUE PODE ACONTECER QUANDO, AO SE INVESTIR NO ESPAÇO E NAS AMBIÊNCIAS, CRIANÇAS E PROFESSORES SE TRANSFORMAM	33
	REFERÊNCIAS	37
	APÊNDICE A – Termo de Consentimento Informado – da Criança	39
	APÊNDICE B - Termo de consentimento informado – dos responsáveis	40

1 INTRODUÇÃO

Trato, neste Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) de Graduação da Pedagogia, das problematizações referentes ao afeto e ao efeito do mesmo, quando realizei, através de dados coletados a partir do estágio obrigatório do curso, com as crianças e para as crianças, determinadas transformações no espaço da educação infantil. O trabalho foi realizado na Escola de Educação Infantil de Porto Alegre, com 24 alunos, entre 4 e 5 anos. Abordo questões sobre o afeto e sua relação com o espaço escolar, por acreditar na educação comprometida com as crianças, quando se consegue aliar o afeto às práticas escolares. Busco integrar o olhar sensível, o colo, o cuidado e a escuta em um lugar bom de estar e, assim, aposto na positividade dessas ações, na educação infantil.

Acredito que o cuidado está nas múltiplas formas de acolhimento, que se revela por meio da essencialidade do educar, do ensinar e do aprender como tarefas da escola e do professor. Quando falo em cuidado, muitas vezes isso nos remete ao cuidado físico, que logo aliamos ao assistencialismo. Porém, o que trato neste TCC é do cuidado como potência de acolhimento, afeto, crescimento e desenvolvimento infantil.

Entendo o desenvolvimento humano como um “processo que envolve construção nas e através das interações que as pessoas estabelecem em cenários específicos, os quais são socialmente regulados e culturalmente organizados.” (AMORIM, 2002, p. 2 apud ROSSETTI-FERREIRA; AMORIM; OLIVEIRA, 2002). Em uma perspectiva sócio-histórica, tal processo se dá pela imersão das pessoas em práticas culturais, nas quais atuam a partir de posições, historicamente, construídas em relação a seus parceiros. Para Rossetti-Ferreira e Oliveira (2009, p. 61), o desenvolvimento infantil é entendido como “um processo de construção social que se dá nas e por meio das interações que cada pessoa, desde o seu nascimento, estabelece com outras pessoas, em ambientes culturalmente organizados.”

Desse modo, entendo que a educação de crianças pequenas integra os aspectos físicos, cognitivo, emocional e social, buscando um desenvolvimento pleno. Portanto, cuidado e educação são ações pedagógicas indissociáveis, que precisam ser problematizadas e continuamente refletidas durante o fazer pedagógico. Como observa Cerisara (1999), quando faz referência ao assunto, dessa forma:

[...] o trabalho junto às crianças em creches e pré-escolas não se reduz ao ensino de conteúdos escolares que reduzem e fragmentam o conhecimento, mas implica trabalhar com as crianças pequenas em diferentes contextos educativos, envolvendo todos os processos de constituição da criança em suas dimensões intelectuais, sociais, emocionais, expressivas, culturais, interacionais. (CERISARA, 1999, p. 16).

Pretendo mostrar, neste TCC, o cuidado como forma de afeto na prática docente, que atravessa condutas e práticas realizadas inseridas em um trabalho educativo na escola pesquisada. Entendo-o como fundamental às práticas com crianças, sejam esses alunos de escola pública ou privada e independente da classe social.

1.1 JUSTIFICATIVA

Ao longo dos meus dez anos de docência, entre educação infantil e ensino fundamental, me acompanham, sempre, o desejo e a certeza de que práticas de afeto precisam estar incluídas nas práticas do fazer pedagógico. Isso se faz importante para que se consiga alcançar objetivos e sensibilizar os alunos, naquilo que se refere à experiência. Segundo Larrosa (2002):

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça [...]. (LARROSA, 2002, p. 21).

Foi vivendo a experiência docente, do que me toca na docência, que me descobri e me reinventei dentro daquilo que eu acreditava e praticava. Sentia como necessário analisar, me preocupar, acolher cada aluno que por mim passava. Observando suas necessidades, vontades, preocupações e, muitas vezes, as angústias das crianças e de suas famílias, percebi a importância da construção de relações que mais tocam, no sentido da experiência, como aponta Larrosa (2002). Atentei para a necessidade da construção e do estabelecimento de relações mais profundas e afetivas que precisavam ser mantidas entre alunos e professora.

Venho observando que a empatia é parte desse processo e que ajuda na construção de laços afetivos, porém, sabemos que muito disso não se aprende dentro de uma universidade, que não estão nos conteúdos de nenhuma disciplina, nem ao menos em algum curso profissionalizante. É preciso que cada professor(a), que se envolve e dedica sua vida à educação das crianças, perceba, seja sensível e se entregue a esse cuidado e a essas práticas, junto a seus alunos.

1.2 A PRÁTICA DO CUIDADO

Para a realização deste trabalho, fiz uso dos dados obtidos em minha convivência com as crianças durante 4 horas diárias, ao decorrer de quatro meses, no primeiro semestre do ano 2018. Ao longo desse tempo, pude perceber e comprovar a diferença, as mudanças e as implicações de uma sala de aula com crianças, quando se vivencia a experiência do afeto. É dessa prática do cuidado com as crianças que trato neste Trabalho de Conclusão de Curso.

Encontrei uma turma de 24 alunos, com crianças de 4 a 5 anos, sedentas de cuidado, afeto, colo, olhar sensível. Ao iniciar o trabalho, fui tentando acolhendo-os, trazendo para perto de mim, cativando-os com um abraço acolhedor na chegada, com um sorriso ao trocarmos olhares, com um colo, quando o choro se fazia presente. Buscava uma escuta atenta às suas falas e uma imagem positiva e carinhosa de cada um, principalmente, daqueles que rompiam, continuamente, com os combinados.

Aos poucos, o trabalho com esse grupo de crianças foi acontecendo de maneira muito significativa e prazerosa. As crianças foram se envolvendo em todas as propostas apresentadas, de maneira contagiante e intensa. A mudança era visível e, conseqüentemente, o comportamento daquelas crianças apresentou transformações.

Em quatro capítulos, trago o que pude perceber e presenciar nas transformações de comportamento das crianças ao longo da proposta que mesclava afetos e ambiências.

No primeiro capítulo, **Afetividade. Além dos muros da universidade**, trago a definição de afeto e a preocupação com esse aspecto referente ao olhar sensível do professor. Entende-se que esta conduta foi o que fez a diferença nas aprendizagens das crianças pequenas.

No segundo capítulo, **Olhar sensível, abraço acolhedor e uma escuta atenta...**, mostro como, a partir do momento em que o professor aposta que a criança tem muito a dizer, para além do que se espera, apresenta-se o desafio de buscar alternativas e estratégias para um olhar mais atento, com os olhos e ouvidos livres de escutas seletivas. Entendo como necessário propiciar a organização de uma ambiência onde a escuta aconteça. Onde o olhar esteja sempre atento e o espaço seguro, onde se possa vivenciar o conceito do que é amor, possibilitando a vivência e a emoção da curiosidade e do aprendizado.

No terceiro capítulo, **Um convite à vida**, busco problematizar o lugar da criança na escola e na sala de aula da educação infantil, pensando na importância do incentivo à curiosidade. Possibilito a exploração do e no ambiente, na tentativa de despertar o

encantamento de viver, diariamente, em um espaço cuidado, estimulante e agradável de estar. Atento para que as crianças sejam curiosas e questionadoras, que façam muitas indagações. Aposto na necessidade de que as crianças bem pequenas precisam viver, cotidianamente, em um espaço que lhes proporcione propostas planejadas por e com elas.

No quarto capítulo, **Algumas considerações: o que pode acontecer quando, ao se investir no espaço e nos ambientes, crianças e professores se transformam**, aponto a importância de que a professora de crianças pequenas deve preocupar-se com as relações afetivas, as trocas, as construções com o grande grupo, para que, assim, aconteçam as transformações positivas nas aprendizagens e no desenvolvimento das crianças.

Sendo assim, foi unindo o que eu acreditava com o que eu coloquei em prática, que decidi escrever sobre esse tema, que tanto me acompanha e me faz crer em uma educação com mais amorosidade e afetividade. Uma educação que funcione como “um convite”. Penso que é preciso acolher, oferecer colo aos pequenos, que é indispensável escutar as crianças e é, sem dúvida alguma, fundamental fazermos, a elas, um convite à vida!

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Geral

O objetivo principal foi o de vivenciar diversas descobertas de propostas diversificadas, que os espaços eram preparados de forma a convidar as crianças a participarem. Envolver cada criança com amorosidade, sensibilidade a cada gesto, em cada dia de convivência na escola. Proporcionar às crianças momentos e ambientes que despertem e permitam que os pequenos possam experimentar, de diferentes ângulos, com diferentes materiais, de diversas formas, objetos e cenários que compõem o seu cotidiano.

1.3.2 Específicos

- Apontar a questão do cuidado como forma de afeto na prática docente, do lúdico, do estético, que atravessam as condutas e as atividades realizadas, dentro do trabalho educativo na escola pesquisada;
- Mostrar que o mundo das crianças pequenas é fortemente determinado pelas características das situações reais que estas vivenciam;

- Proporcionar espaços que permitam a interação, a investigação, o compartilhamento, as experimentações;
- Enfatizar a importância do olhar sensível, afirmando para o se deixar olhar por ele;
- Possibilitar que o olhar seja valorizando em toda sua potencialidade;
- Evidenciar o cuidado com a organização de um espaço acolhedor para a convivência.

1.4 MODO DE FAZER A PESQUISA COM CRIANÇAS

O presente trabalho surge a partir dos dados obtidos durante o primeiro semestre do ano 2018, durante a graduação em Pedagogia. Realizei o mesmo em uma escola de Educação Infantil pública, com uma turma de 24 alunos, com idade de 4 a 5 anos, por 4 horas diárias em 4 dias da semana, durante as manhãs.

Para dar conta deste registro em meu TCC, realizei diversas intervenções nos espaços com ajuda das crianças, registradas em fotos, em um diário de campo e em anotações de aula, o que possibilitou que os usasse para escrever e analisar tais práticas, no trabalho que aqui apresento.

Os registros mostram a preocupação que tive com a organização dos espaços propositores de ações com as crianças, a preparação dos ambientes na escola durante as atividades. Aliei esses ambientes planejados e organizados com a amorosidade que envolveu a relação entre as crianças e a professora. É nessa perspectiva que trago, ao longo deste TCC, a importância da junção da preparação dos ambientes, por onde as crianças circularam e desenvolveram as propostas, com o lado sensível do professor para com as necessidades por essas sinalizadas.

Numa abordagem qualitativa de pesquisa com crianças, com propósito descritivo, aponto, embasado em autores como Dornelles e Lima (2018), que:

As pesquisas que passam a considerar a importância da participação das crianças valorizam alguns procedimentos metodológicos, que vale destacar: a valorização da voz da criança; o consentimento informado (liberdade de quererem ou não estar na pesquisa), a consideração de estratégias e recursos metodológicos plurais e criativos [...], registros das crianças (desenhos, fotografias, e/ou vídeos), técnicas dramáticas – traduzindo as cenas de suas representações, avaliação da agência das crianças no percurso, e devolução da informação às crianças. (DORNELLES; LIMA, 2018, p. 133-134).

A partir dessa perspectiva, pude acompanhar as transformações no comportamento das crianças, durante o meu período de estágio docente. Conseguir identificar as transformações só foi possível graças à organização de uma ambiência convidativa a cada proposta realizada com e para as crianças. Ao me preocupar com a preparação dos espaços, não perdia de vista a carga de afeto envolvida em todas elas.

Entendo que o trabalho se desenvolveu na perspectiva de que as crianças pudessem vivenciar diversas descobertas, de diferentes maneiras. Foi pensando nisto, que as propostas eram diversificadas, que os espaços propositivos eram preparados de forma a convidar as crianças a participarem e, sempre, envolvendo-as de maneira amorosa e sensível a cada dia em que estávamos juntas, proporcionando-lhes momentos e ambiências que despertassem e permitissem que pudessem experimentar de diferentes ângulos, com diferentes materiais, de diversas formas os objetos e cenários que compunham o seu cotidiano. Concordo com Dornelles e Frassão (2018), quando afirmam que “vivenciamos de maneira colorida, lambuzada e alegre, a imersão apaixonada das crianças em diferentes espaços e tempos durante as ricas práticas exploratórias e brincantes com inúmeros materiais expressivos.” (DORNELLES; FRASSÃO, 2018, s/p, no prelo). Assim, o papel do professor foi o de condutor e organizador de uma proposta e um espaço em que as aprendizagens se realizassem de modo especial, cuidadoso e prazeroso.

Cabe, também, ressaltar que “as crianças participavam como sujeitos ativos, estabelecendo ações e relações em todos os contextos vivenciados.” (ALBUQUERQUE, 2018, p. 38). Tal como a autora, as crianças participavam da organização dos ambientes para a realização de cada proposta de trabalho a ser realizada, dando sua opinião, oferecendo ajuda, ajudando o colega e a professora, ou seja, tendo uma participação ativa como membro do grupo.

Fiz uso da descrição e da análise de dados produzidos pelas crianças a partir do que pensavam, falavam e manifestavam concretamente, o que singularizava a potência de criação de outros modos de participar das atividades em aula. Desse modo, e ampliando um pouco o debate, entendo que, nas ações propostas, as crianças ajudaram a inventar novos modos de descrição e análise do que quis marcar como uma metodologia de pesquisa com criança, àquela que pretendeu “perceber o ter voz [das crianças] como um avanço sobre ser silenciado ou ignorado” (PROUT, 2010 p. 36), até aqui tão presente em nossas indagações sobre como funcionam as crianças e o que elas têm a nos ensinar.

2 AFETIVIDADE: ALÉM DOS MUROS DA UNIVERSIDADE

Porque se faz importante retomar as questões que atravessam a afetividade em meu Trabalho de Conclusão de Curso? Entendo que, em pleno mundo contemporâneo, se faz necessário retomar conceitos quase que esquecidos na dinâmica da rotina da educação infantil. Afetividade é um termo que deriva da palavra afeto, é uma relação de carinho e cuidado com alguém. O termo afetividade é compreendido como sinônimo de querência, emotividade, amizade, amor, afeiçoamento, afetuosidade, afeição e carinho. Entende-se por afetivo:

Aquele que tem afeto por algo ou alguém. Afeto: do latim affectus, designa um conjunto de atos ou atitudes como a bondade, a benevolência, a inclinação, a devoção, a proteção, o apego, a gratidão, a ternura, etc. No seu todo, pode ser caracterizado como a situação em que a pessoa “preocupa-se com” ou “cuida de” alguém, e que esse responde aos cuidados ou a preocupação que lhe foi objeto. (ABBAGNANO, 2003 p. 21).

No entanto, é importante frisar que, embora a criança-aluno e o professor muitas vezes se confundam em seus papéis de quem ensina e quem aprende, ainda se faz necessário marcar a importância do educador na mediação dos processos afetivos e pedagógicos. A criança vai se manifestar criativamente, afetivamente, em sua imaginação e em seu desenvolvimento se estiver, totalmente, convidada e imersa em um desejo de aprender. Daí, ser importante que professores e família invistam com afeto, no seu potencial, reconhecendo o seu valor como pessoa que está aí, que está na vida. Segundo Rossini (2001, p. 102):

A aprendizagem deve ser algo que estimule o ser em desenvolvimento a querer aprender sempre mais e com mais detalhes. Quando a criança é estimulada com carinho e atenção para os estudos, incentivada pelos pais a realizar as tarefas de casa, a frequentar a escola, fazendo dela uma continuação do seu lar; e, na escola, os professores e funcionários promovem um ambiente de confiança, fraternidade e de comunicação, a criança corresponde positivamente: ela aprenderá os conteúdos com maior embasamento e, naturalmente, se desenvolverá, tornando-se um adulto feliz, consciente e saudoso de sua infância, um adulto que passará os mesmos valores às gerações futuras. (ROSSINI, 2001, p. 102).

Conhecer o aluno é o primeiro passo para se compreender o seu modo de vivenciar uma relação pedagógica com o outro. É necessária a compreensão de cada um e de todas as suas especificidades. Cada momento do desenvolvimento e do seu crescimento precisa ser acompanhado, é preciso saber que as mudanças em sua vida vão ocorrer de acordo com o meio em que ele vive e com as pessoas com quem convive: familiares, amigos, professores, comunidade. Dessa forma, a presença de ações específicas dos professores na constituição do

aluno é essencial, porém só será possível tudo isso, quando se conseguir colocar em prática um olhar sensível para com este.

Sabemos que podemos ter discutido, investido, estudado e lido muito durante nosso curso, contudo, muitas vezes passamos pela universidade, ou em algum curso específico para formação de professor, sem que tenhamos a efetiva experiência do afeto com as crianças, da experiência com aquilo que nos toca, para onde ela nos move. Sem que tenhamos constituído, ao longo de nossas aulas, de nossas práticas, de nossos estágios, a amorosidade, a afetuosidade, a sensibilidade ou o olhar sensível tão necessário ao cotidiano de sala de aula com crianças pequenas.

Entendo, e venho confirmando em minha prática, que a preocupação com esses aspectos e a sensibilidade do professor são o que fará a diferença dentro da sala de aula e no desenvolvimento de aprendizagem das crianças pequenas. Se pensarmos que é na ambiência escolar que acontece o primeiro contato dos pequenos com o mundo, além das salas de suas casas, entenderemos que é dentro da sala de aula que a socialização acontece. É na relação com outras crianças, com objetos, com o jogo simbólico que a aprendizagem se dará, por isso, é preciso pensar que o nosso olhar sensível fará muita diferença na transformação das aprendizagens das crianças pequenas. Prosseguindo esse pensamento, Saltini (1997) afirma:

Em primeiro lugar a educação não é uma transmissão do conhecimento, de um saber ou até mesmo de uma conduta, mas sobretudo uma iniciação à vida. Deveríamos, portanto, pensar sobre a vida e verificar que ali está o lugar das primeiras interações com um meio mais amplo (natureza e cultura); um dos espaços onde o ser começa a viver com os primeiros elementos simbólicos que lhe lembram o lugar de onde veio (família e ventre); um espaço onde será completada a sua gestação para que ele possa enfrentar e assimilar o contexto sociocultural. É este um espaço e um tempo intermediário entre o nascimento e o destino, o trabalho, a profissão, a vida madura e adulta. (SALTINI, 1997, p. 31).

Embora a escola seja um local onde o compromisso maior que se estabelece é com o processo de transmissão/produção de conhecimento, pode-se afirmar que "as relações afetivas se evidenciam, pois a transmissão do conhecimento implica, necessariamente, uma interação entre pessoas. Portanto, na relação professor-aluno, uma relação de pessoa para pessoa, o afeto está presente." (ALMEIDA, 1999, p. 107).

No entanto, a questão da afetividade em sala de aula não se restringe apenas às transmissões de conhecimento. Entende-se que as decisões sobre as condições de ensino assumidas pelo professor apresentam inúmeras situações com implicações afetivas para o aluno. É o que se discute no próximo capítulo.

3 OLHAR SENSÍVEL, ABRAÇO ACOLHEDOR E UMA ESCUTA ATENTA...

O exercício de escuta do profissional da educação infantil precisa ser atento às crianças que se tem a frente, enquanto sujeito que está conectado ao mundo em que vive e suas relações. Caso contrário, se for uma escuta descontextualizada da realidade da criança, corre-se o risco de a mesma não ter um significado genuíno, de não haver nenhum sentido ao se tratar do cuidado na escola.

Por diversas vezes, em razão de rotinas engessadas, que exigem “dar conta” de uma demanda intensa de conteúdos e do cumprimento de protocolos, a escuta da criança torna-se muito distante ou, até mesmo, filtrada pelo que se quer ouvir, em um cotidiano no qual não se permite parar para olhar, escutar, investir, repensar em cada uma das crianças que se tem pela frente.

Dessa forma, Barbosa (2006) ensina que a regularidade da rotina auxilia a construir as referências, mas ela não pode ser rígida, pois as relações de tempo e espaço não são prioritárias, nem únicas, sendo preciso construir relações espaço-temporais diversas.

3.1 DO OLHAR E OUVIR SENSÍVEL

A partir do momento em que o professor aposta que a criança tem muito a dizer, para além do que se espera, apresenta-se o desafio de buscar alternativas e estratégias para um olhar mais atento, com os olhos e ouvidos livres de escutas seletivas. Nesta perspectiva, Rocha (2007) faz referência acerca da importância da escuta das crianças, quando afirma:

Ouvir a criança exige a construção de estratégias de troca, de interação, mais do que de perguntas e respostas, pelas quais se nega que as crianças constituem significados de forma independente. Assim, o momento de escuta tem que ser também o momento de expressão dessa representação, que é uma representação coletiva. (ROCHA, 2007 apud CRUZ, 2007, p. 49).

Nesse sentido, é muito importante que o professor faça um exercício diário desse movimento de escuta e fala com suas crianças, de modo que elas consigam se expressar de forma independente e sem medo. Que possam apresentar suas descobertas, interesses, angústias e satisfações com o que descobrem a cada momento. Precisa-se garantir a liberdade para a criança expressar-se e colocar-se, falar, dizer de si e do outro, enquanto sujeito protagonista e pertencente aos espaços de interação. Que possam, afetivamente, participar daquilo que se organiza e constrói com, por e para ela. Entretanto, a prática da escuta e a

possibilidade de participação infantil exige um percurso a ser alcançado, construído no cotidiano com as crianças. Entendo que isso parta do diálogo, das relações estabelecidas entre os educadores e as crianças e, sobretudo, em como se entende a participação da criança na rotina escolar.

Campos (2007) provoca a reflexão e aponta a importância de se escutar a criança considerando sua existência na integralidade, como um sujeito histórico-cultural-social, que se relaciona dentro e fora das instituições, e que, portanto, tem muito a dizer. Neste sentido, é preciso saber relacionar as respostas das crianças ao meio no qual vivem seu cotidiano. A autora ajuda a pensar sobre isso quando questiona: “Quantas outras respostas dariam se não tivessem sido limitadas em seu potencial de expressão?” (CAMPOS, 2007, p. 41).

O tempo de infância que vivemos com as crianças mostra que o período da educação infantil pode ser o tempo em que se vivenciam as maiores experiências de interação e trocas entre e com os alunos. Para tal, o professor precisa manter uma postura afetiva em suas práticas, dentro e fora da sala de aula, de modo que as crianças sintam-se acolhidas, protegidas, amadas. Aos poucos, se sentirão à vontade para investigarem, explorarem e demonstrarem suas curiosidades com o que as rodeia.

Quando trato, neste TCC, do olhar sensível, afirmo que isso implica em um olhar que seja o mais abrangente possível, para o se deixar olhar por ele. É necessário se permitir esse olhar, valorizando todas as suas potencialidades e possibilidades, que, dentro de uma sala de aula com crianças, possa aparecer. Que o professor possa reparar, atentar para cada aluno que ali está, observar e acompanhar suas modificações de comportamentos, produções, falas, curiosidades, enfim, deixe viver, intensamente, a vida de aluno-criança.

Desse modo, percebe-se a importância de um olhar sensível e atento dentro da sala de aula e no papel do professor, como um mediador dentro do espaço educativo. Considero importante e significativa a relação entre professor e aluno-criança e a importância do papel do educador, quando exercido com afeto e amor. E quando falo de amor, não estou me referindo ao toque ou às palavras, e sim, à atenção, à observação cuidadosa quando preparamos cada ação, cada momento na sala de aula, como salienta Saltini (1997), quando faz referência a esse assunto da seguinte forma: “O ato amoroso consiste em se querer alguém que nos entenda, nos ouça e nos veja. Não são necessários grandes carinhos, precisamos apenas de alguém que nos veja, observe, perceba que existimos e que estamos aqui – a isso chamo de relação afetiva.” (SALTINI, 1997, p. 80).



Figura 1: Autorretrato.
Fonte: Acervo da autora. 2018.

Como o representado no olhar de cada criança que compõe nossa sala de aula, em destaque na figura 1, trata de um amor construído e que está presente no cuidado do detalhe, das minúcias do cotidiano, daquilo que é apresentado pelas e com as crianças. O detalhe que deve ser mostrado em cada material a ser utilizado pelas crianças no cotidiano da sala de aula. Cuidado amoroso que aparece a cada proposta de utilização dos espaços, onde as crianças farão suas brincadeiras, seus jogos de faz-de-conta, podendo, a partir daí, fazer uso de sua imaginação.



Figura 2: Um canto da sala que virou cozinha confeccionada de papelão.
Fonte: Acervo da autora. 2018.

Como pode ser observado na figura 2, nesse espaço que virou cozinha, onde as crianças podiam fazer uso de sua potência de brincadeiras imaginativas, como afirma Girardello (2011):

[...] “a imaginação, como a inteligência ou a sensibilidade, ou é cultivada, ou se atrofia”, diz Held (1980, p. 46); “a imaginação pode e deve ser educada, e a experiência que ela nos dá é mais importante e válida do que qualquer outra que possamos adquirir somente através do pensamento racional”, diz Mock (1970, p. 136). “A tarefa mais importante da educação parece ser a educação da imaginação”, para Sloan (1993, p. 158). (GIRARDELLO, 2011, p. 77).

Como ensina a autora, na medida em que organizamos os espaços do brincar, criar, narrar, etc., em nossa sala de aula, garantimos que se potencialize a imaginação de nossas crianças. Estamos possibilitando que, na sala, se efetivem trocas, interações, cuidado de si e do outro.

3.2 DO ESPAÇO SENSÍVEL

É de extrema importância que os(as) professores(as) de educação infantil preocupem-se com a criação, com a organização de um espaço acolhedor para a convivência e as trocas com seus pequenos alunos, para que se efetive o estabelecimento das interações com e entre eles. Entendo como necessário se propiciar a organização de um espaço onde a escuta acontece, o olhar esteja sempre atento e o ambiente seja seguro para que se possa vivenciar o conceito do que é amor. Possibilitam-se, assim, a vivência e a emoção da curiosidade e do aprendizado. Saltini (1997) aponta sobre esse assunto:

Na pré-escola a interrelação da professora com o grupo de alunos e com cada um em particular é constante, se dá o tempo todo, seja na sala, no pátio, seja nos passeios e é em função dessa proximidade afetiva que se dá a interação com os objetos e a construção de um conhecimento altamente envolvente. Essa interrelação é o fio condutor, o suporte afetivo do conhecimento. (SALTINI, 1997, p. 89).

É necessário que o professor tenha um olhar atento e sensível na preparação dos espaços para ofertar aos seus alunos, tanto no cotidiano da sala, como nas propostas que serão realizadas com os mesmos. Assim, Horn (2004) ensina no livro *Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na educação infantil*, quando faz referência:

O olhar de um educador atento é sensível a todos os elementos que estão postos em uma sala de aula. O modo como organizamos materiais e móveis, e a forma como crianças e adultos ocupam esse espaço e como interagem com ele são reveladores de uma concepção pedagógica. (HORN, 2004, p. 15).

As crianças, durante o período de coleta de dados para a feitura deste TCC, foram, aos poucos, se dando conta das modificações e transformações que estavam ocorrendo no espaço e nas nossas relações. Começaram a observar que, a cada dia, havia uma proposta nova. Ou seja, a novidade, a curiosidade, o que lhes era significativo começou a aparecer a cada canto da sala. Isso, de algum modo, as tornava mais grupo. A partir da vivência em um espaço comprometido com seu brincar, com a possibilidade de exercer sua imaginação e suas trocas, passaram a ser crianças-brincantes, crianças que trocavam, não só materiais, mas

amabilidades, solidariedades, companheirismo, disputas, entregas no brincar com o outro. E, assim, passaram, em muitos momentos do nosso cotidiano, a se manifestar:

– “Prof., hoje o que tem de surpresa na sala ao lado?”

Essa “surpresa” era a referência à proposta do dia, que se realizava em um espaço fora da sala de aula que frequentavam diariamente. Felizes, falavam:

– “Essa sala é mágica! Aqui *acontece* muitas coisas.”



Figura 3: Projeção e intervenções nas fotos.
Fonte: Acervo da autora. 2018.

Essa proposta foi realizada numa sala separada da sala do cotidiano das crianças (figura 3). Nela, estava instalado um retroprojeter, que projetava os desenhos que elas haviam realizado usando suas fotos no dia anterior. Esses desenhos eram intervenções que as crianças foram convidadas a fazer com caneta permanente, utilizando a lâmina de retroprojeter em cima da foto do seu rosto.

A partir de um espaço que lhes propiciava o gosto por brincar, inventar, imaginar, afirmavam:

– “Aqui podemos brincar quando fazemos trabalho.”



Figura 4: Espelhos mágicos.
Fonte: Acervo da autora. 2018.

No espaço indicado na figura 4, as crianças puderam desenhar nos “espelhos” colocados na parede, onde realizaram a atividade de pé, podendo enxergar-se através do material em que foi confeccionado o mesmo.

E diziam ao adentrar no espaço que estavam modificando:

– “Estou emocionada de tão linda que essa sala está.”



Figura 5: Sala sendo preparada.
Fonte: Acervo da autora. 2018.

A sala em destaque na figura 5 foi preparada para uma exposição, envolvendo todas as produções das crianças durante o período de estágio. Elas podiam explorar todos os materiais que estavam dispostos no local. Esses espaços eram pensados e criados para que as crianças pudessem viver experiências diversas, com diferentes materiais, em salas distintas e de

diferentes formas. Propostas que as fizessem explorar, descobrir e compartilhar momentos, descobertas, curiosidades entre as crianças, o meio e os objetos.

A fim de compreender os elementos que caracterizam experiência, por Larrosa (2002), trago a seguinte citação:

[...] poderíamos dizer, de início, que a experiência é, em espanhol, “o que nos passa”, em português, se diria que a experiência é “o que nos acontece”, em francês, a experiência seria “ce que nous arrive”, em italiano, “quello che nos succede” ou “quello che nos accade”, em inglês, “That what is happening to us”; em alemão, “Was mir passiert”. (LARROSA, 2002, p. 21).



Figura 6: Nós e a sala.
Fonte: Acervo da autora. 2018.

A proposta, de binóculo para muitos olhares, estava disposta, como se vê na figura 6, no dia da exposição dos trabalhos. As crianças podiam enxergar, através dos rolos, fotos da turma quando realizavam as propostas.



Figura 7: Proposta de pintura-altura.
Fonte: Acervo da autora. 2018.

Como se vê na figura 7, nesse dia, foi preparada a sala ao lado da sala de aula das crianças, com diversas cores de tinta, pincéis feitos de prendedor de roupa e algodão e uma tira de papel do tamanho de cada criança, para que eles pudessem pintar “sua altura”.

A experiência, na qual cada criança tinha a possibilidade de vivenciar, intensamente, a sua relação com o outro, a cada entrada na sala, a cada troca com os colegas, a cada momento de interação consigo e com o outro. Daí, porque essa ambiência organizada por professores e crianças seja tão fundamental na educação infantil. Ambiência que, como afirma Corsino (2007), seja constituída por:

Ambientes aconchegantes, seguros, encorajadores, desafiadores, criativos, alegres e divertidos nos quais as atividades elevem sua autoestima, valorizem e ampliem as suas leituras de mundo e seu universo cultural, agucem a curiosidade, a capacidade de pensar, de decidir, de atuar, de criar, de imaginar, de expressar; nos quais jogos, brincadeiras, elementos da natureza, artes, expressão corporal, histórias contadas, imaginadas, dramatizadas, lidas etc. estejam presentes. (CORSINO, 2007, p. 67).

Assim, é preciso que pensemos nos ambientes que preparamos para nossos alunos, no que diz respeito ao proporcionar que eles possam imaginar, investigar, construir sua autonomia nos momentos de decisão, fazer escolhas sozinhos e, assim, constituírem-se no seu ser e em suas aprendizagens. E foi pensando nesse aspecto e nessa importância, que trago, no próximo capítulo, esta questão da elaboração dos espaços, da organização das ambiências escolares.

4 UM CONVITE À VIDA!

Como tratei anteriormente, busco problematizar o lugar da criança na escola e na sala de aula da educação infantil, pensando na importância do incentivo à curiosidade, exploração do e no ambiente, na tentativa de encantamento por conviver diariamente, em um espaço cuidado, estimulante e gostoso de se estar. Possibilitando que sejam crianças atentas e questionadoras, que façam muitas indagações. Aposto na necessidade de que as crianças bem pequenas precisam estudar, cotidianamente, em um espaço que lhes proporcione propostas planejadas por e com elas, como podemos ver no espaço da sala vista na figura 8:



Figura 8: Exposição de trabalhos.
Fonte: Acervo da autora. 2018.

Olhando para a figura 8, percebe-se não só o efeito estético e visual na sala, mas o efeito imaginativo que pode causar em cada criança que o vivencia. Penso que suas ações imaginativas “sempre ligaram sua sabedoria a imagens vívidas, envolvendo-as em histórias que conseguiam despertar respostas afetivas.” (EGAN, 1992 apud GIRARDELLO, 2010, p. 83).

Pretendo, nesta etapa, me deter um pouco mais na questão da organização e preparação dos espaços físicos durante as propostas realizadas com as crianças. Refiro-me à hora da realização da “atividade” do dia. A importância deste momento é ser convidativo, instigante, mágico, que seja permitida a exploração do mesmo e que seja encantador para as crianças. Para tal, foi necessário compor, a cada novo dia, um lugar para a novidade, para a surpresa, para o cuidado com o material a ser apresentado. Apresento, na figura 9, o momento em que fiz o convite às crianças. Não era apenas para pintar com pincéis ou se olhar no

espelho em um outro plano, como vimos na experiência anteriormente apresentada. Mas de poderem se expressar e decidir como pintar, que pincel utilizar e de que forma fazer a pintura.



Figura 9: Pintando tecido.
Fonte: Acervo da autora. 2018.

Sigo o que Horn (2004, p. 28) nos ensina, quando aponta que “é no espaço físico que a criança consegue estabelecer relações entre o mundo e as pessoas, transformando-o em um pano de fundo, no qual se inserem emoções. Essa qualificação de espaço físico é o que transforma em um ambiente”. E, foi pensando nisso, que ao organizar meu TCC a partir das vivências com as crianças, mostro um pouco do que preparei a cada momento, em cada espaço, de modo a permitir que as crianças pudessem viver tais emoções tão importantes e sustentadoras de uma vivência plena de significados. Além dos espaços propositores, foi preciso que se proporcionasse, dentro desses, momentos em que as crianças pudessem interagir entre elas e com o meio.



Figura 10: Espelhos mágicos.
Fonte: Acervo da autora. 2018.

Estivéssemos nós na sala de aula, no corredor, no pátio, em todo e qualquer lugar de se fazer experiências, estas precisavam ser cuidadosamente apresentadas às crianças, como visto na figura 10. Propus que usassem giz líquido para desenharem no suporte, que é o espelho, que, desta vez, estava disposto no chão. Estas precisavam decidir de que maneira iriam ajeitar o corpo para desenharem no mesmo. Essa proposta combina com Horn (2004), quando ensina sobre essa “preocupação” e aponta que “[...] não basta a criança estar em um espaço organizado de modo a desafiar suas competências; é preciso que ela interaja com esse espaço para vivê-lo intencionalmente.” (HORN, 2004, p. 15).



Figura 11: Pátio de areia com potes e colheres.
Fonte: Acervo da autora. 2018.

As crianças necessitam de um espaço onde possam exercer sua criatividade, sua imaginação. Para isso, é importante que o adulto, no papel de educador, pense e organize um ambiente onde as interações das crianças aconteçam, onde possam colocar em prática a sua imaginação, estabelecendo relações com colegas, professores e espaço. Como na atividade apresentada na figura 11, cuja proposta era brincar no pátio de areia. Porém, preparei este

ambiente para que pudessem decidir com quais materiais iriam brincar nesse dia. Pensando nessa interação entre as crianças, Horn (2004) aponta que:

Partindo do entendimento de que as crianças também aprendem na interação com seus pares, é fundamental o planejamento de um espaço que dê conta dessa premissa, permitindo que, ao conviver com grupos diversos, a criança assuma diferentes papéis e aprenda a se conhecer melhor. (HORN, 2004, p. 18).



Figura 12: Pintura na argila.
Fonte: Acervo da autora. 2018.

Ao pintar em uma ambiência composta e organizada para a atividade citada na figura 12, observa-se que o papel do professor é interferir no modo de ser e estar no mundo dos alunos, ou seja, fazer provocações através dos espaços e das propostas, que não ocorreriam de forma espontânea nas crianças. A partir desta nova ambiência, tudo se transformava. Observavam que não se pintava só no papel, se pintava na areia, na parede, na mesa, no chão. Os suportes variavam, os materiais eram sempre diferenciados.



Figura 13: Colorindo as camisetas.

Fonte: Acervo da autora. 2018.

A experiência de produzir uma camiseta (figura 13) tornava-se a mágica “Camiseta criada por mim para...”. Nessa proposta – de colorir as camisetas e não folhas ou papéis –, foi sugerido que as crianças pudessem usar materiais coloridos que ficassem permanentes nas camisetas que trouxeram de suas casas. Neste momento, havia a possibilidade de transformá-las. Apoio-me, novamente, em Horn (2004), quando salienta sobre esse ponto:

Considerando-se que as premissas de que o meio constitui um fator preponderante para o desenvolvimento dos indivíduos, fazendo parte constitutiva desse processo; de que as crianças, ao interagirem com o meio e com outros parceiros, aprendem pela própria interação e imitação, constatamos que a forma como organizamos o espaço interfere, de forma significativa, nas aprendizagens infantis. Isto é, quanto mais esse espaço for desafiador e promover atividades conjuntas, quanto mais permitir que as crianças se descentrem da figura do adulto, mais fortemente se constituirá como parte integrante da ação pedagógica. (HORN, 2004, p. 20).

Esse espaço de que fala a autora não se trata apenas da sala de aula e, sim, de todos os espaços da escola. Onde cada momento em que a criança convive dentro da instituição seja pensado e planejado com vistas ao seu crescimento, para as trocas imaginativas, para a constituição de um outro modo de ser criança-aluno da educação infantil.



Figura 14: Corredor com atividades produzidas pelos alunos.

Fonte: Acervo da autora. 2018.

A figura 14 apresenta o que pode ser observado ao se adentrar no corredor da escola, local que procurávamos sempre mudar, fazendo novas propostas. Era o lugar onde as crianças podiam intervir de diferentes formas.

Assim, concordo com Horn (2004, p. 36), quando trata da importância da valorização de áreas externas da escola, como prolongamentos da área interna, que seria a sala de aula, utilizadas por meio de uma perspectiva pedagógica. Sendo assim, não temos como restringir o espaço escolar e nos preocupamos em apenas organizar espaços dentro das paredes da sala de aula. São muitos os lugares de crianças, e quando se oportuniza sua pertença a esses espaços, estas vão se apropriando do mesmo. Percebemos que, com o tempo e no decorrer das rotinas diárias, os pátios, corredores, refeitórios, dependências da instituição vão se tornando lugares de se viver e conviver em grupo.

Na figura 15, observamos um trabalho realizado no pátio da escola com intervenção dos alunos, que utilizaram giz de quadro para desenhar, livremente, no chão.



Figura 15: Colorindo o chão do pátio.

Fonte: Acervo da autora. 2018.

No pátio de areia da escola, visto na figura 16, coloquei utensílios de cozinha e cabanas para que pudessem brincar livremente no ambiente transformado pelos objetos que lá estavam.



Figura 16: Utensílios de cozinha e cabanas no pátio.
Fonte: Acervo da autora. 2018.

As imagens desses espaços mostram como foram organizados os lugares de crianças na escola, tanto dentro da sala de aula – canto de brincadeira, do jogo simbólico – quanto nos espaços que foram pensados no pátio da escola para a realização de propostas em ambiente externo. Em lugares organizados para receber os alunos na praça da escola e na sala dormitório, eram realizadas a maioria das propostas de cada dia.

A figura 17 mostra um dos momentos, na sala dormitório, em que os alunos estavam transformando um tecido em uma obra pintada em conjunto. Utilizaram diversas cores de tintas, diferentes pincéis e, também, quando achavam necessário, o próprio corpo para colorir.



Figura 17: Transformação do tecido.
Fonte: Acervo da autora. 2018.

As propostas, sempre, eram pensadas e conduzidas para que as crianças pudessem ter curiosidade e vontade de explorar. Explorar o corpo na atividade, os materiais que estivessem dispostos, o ambiente, o compartilhamento do momento com os colegas. Assim, as atividades aconteciam, com a intenção de proporcionar diversas experiências para o grupo de crianças.

Essas imagens retratam que:

A imaginação alimenta-se de imagens novas e por isso talvez ela seja tão acesa nas crianças, para quem tantas imagens são novas. Assim, a escuta literária das crianças deve ser pelo menos tão intensa quanto a nossa leitura literária de adultos, e talvez o seja muito mais. Essa escuta é o broto do amor pela literatura, que tanta felicidade e sentido poderá trazer à vida delas, nos seus anos de infância e futuro afora. (GIRARDELLO, 2011, p. 84).

As fotos presentes neste trabalho retratam a exploração do que acontecia nas atividades dentro dos ambientes, que, com cuidado e dedicação, eram preparados para as crianças soltarem seu pensamento, suas ideias, suas formas de ver e enxergar as cores do mundo.



Figura 18: Pintura das alturas.

Fonte: Acervo da autora. 2018.

A figura 18 retrata uma atividade desenvolvida depois de todos os alunos serem medidos e saberem suas alturas. Nesse momento, eles pintavam com tintas coloridas e pincel de algodão com prendedor de roupa. Os materiais eram oferecidos para serem explorados, os corpos estavam em movimento e os grupos eram formados para que pudessem compartilhar os materiais e vivenciar a experiência do trabalho em conjunto. “Desenhagens” que aconteciam não só com o movimento do pincel, mas também do próprio corpo e do corpo de cada colega.



Figura 19: Autorretrato.
Fonte: Acervo da autora. 2018.

A figura 19 revela a proposta do autorretrato sendo realizada. Para valorizar o trabalho construído fora das mesas e cadeiras de uma sala de aula, o espaço foi preparado em uma outra sala da escola, com materiais dispostos no chão, realizado em pequenos grupos. Tudo isso, pensando em promover um ambiente convidativo para que as crianças pudessem explorar, investigar e desenvolver a atividade de maneira mais livre.



Figura 20: Quando a proposta é decidida pelo aluno.
Fonte: Acervo da autora. 2018.

Na figura 20, a proposta foi a pintura da construção de argila, em que aluno não só começava a pintar seu corpo, mas também a “carimbar” na lona onde estavam sentados. Estas ações estavam fora dos meus planos, e que entendi a ação das crianças e fui capaz de me dar conta de que o planejamento, requer um olhar crítico e atitudes flexíveis. Esta entende que as crianças necessitam de um espaço adequado e acolhedor, onde possam desenvolver suas atividades através de jogos e brincadeiras, ou seja, valoriza e respeita as crianças, suas experiências, vivências, culturas e linguagens.

A cada dia, juntos, pensamos, planejamos, criamos, construímos, ... Contudo, muito normalmente, as crianças decidiam ir além da proposta sugerida por mim. Sabe-se da importância do planejamento, mas também se precisa saber que este deve ser flexível e que, muitas vezes, as crianças vão além daquilo que lhes é proposto. E isso é algo maravilhoso, pois a criança foi provocada pelo ambiente, pelos materiais, pelo grupo de colegas, pela professora e, sim, conseguiu ir além, conseguiu descobrir, investigar, explorar e ser ativo dentro daquela atividade que lhe foi sugerida.

Nessa perspectiva, trago uma citação de Ostetto (1992), que ensina sobre o ato de planejar com e para as crianças:

O planejamento educativo deve ser assumido no cotidiano como um processo de reflexão, pois, mais do que ser um papel preenchido, é atitude e envolve todas as ações e situações do educador no cotidiano do seu trabalho pedagógico. Planejar é essa atitude de traçar, projetar, programar, elaborar um roteiro pra empreender uma viagem de conhecimento, de interação, de experiências múltiplas e significativas para com o grupo de crianças. Planejamento pedagógico é atitude crítica do educador diante de seu trabalho docente. Por isso não é uma fôrma! Ao contrário, é flexível e, como tal, permite ao educador repensar, revisando, buscando novos significados para sua prática pedagógica. O planejamento marca a intencionalidade do processo educativo, mas não pode ficar só na intenção, ou melhor, só na imaginação, na concepção. (OSTETTO, 1992, p. 1).

A professora pesquisa os materiais, organiza, convida e junto com as crianças realiza a proposta do dia e pela imagem que segue é capaz de nos mostrar.



Figura 21: Proposta de transformação.
Fonte: Acervo da autora. 2018.

Assim, a figura 21 mostra a importância de ofertarmos propostas e ambiências em que as crianças possam ser as protagonistas da construção da atividade. Nesta proposta, elas plantaram, colocando em ação cada passo necessário para acompanharem as transformações nesse processo de virar uma plantinha. Certamente, essa ação é de extrema importância para as crianças pequenas, pois é algo construído e cuidado por elas. De um simples plantio a sala,

podemos dar vazão à contemplação estética, que se dará a partir do contato com a natureza, o que pode ser um fator positivo para a imaginação da criança. Para Bachelard (apud GIRARDELLO, 2011):

“Seus primeiros sonhos são os sonhos das substâncias orgânicas” (1994, p. 9), diz Bachelard, remetendo aos elementos — o fogo, o ar, a água e a terra — que para ele são “os hormônios da imaginação” (1990, p. 12). O estímulo imaginativo surge não só no contato com o que pode ser tocado ou percebido — como o calor do fogo, a viscosidade da lama — mas também no encontro com o incomensurável, como a multidão de estrelas no céu, o tamanho do mar, o poder das tempestades. É o assombro diante dos elementos e da infinita multiplicidade da natureza um dos fatores da emoção estética que Kant chamou de sublime, “a descoberta da profundidade infinita da imaginação.” (KEARNEY, 1991 apud GIRARDELLO, 2011, p. 80).

Assim, percebo a necessidade que as crianças demandam de que nós, professores, pensemos em propostas em que elas possam ser as protagonistas de situações que não são tão comuns dentro das atividades pedagógicas. Atividades em que possam vivenciar e experimentar diversos materiais e suportes, mexer e construir e, assim, estimular a imaginação e se transformarem, como questões que abordarei no próximo capítulo.

5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES: O QUE PODE ACONTECER QUANDO, AO SE INVESTIR NO ESPAÇO E NAS AMBIÊNCIAS, CRIANÇAS E PROFESSORES SE TRANSFORMAM

Sabemos da importância da organização do espaço escolar no processo de desenvolvimento, sensibilização e aprendizagem das crianças. Porém, não basta estarem em um espaço organizado, de modo a, somente, desafiar suas competências. É preciso que os alunos tenham a possibilidade de interagir com esse ambiente para vivê-lo intencionalmente.

Acredita-se que o modo de se ser e estar no mundo das crianças pequenas é fortemente determinado pelas características das situações reais que essas vivenciam. No entanto, proporcionar-lhes espaços que permitem a interação, a investigação, o compartilhamento, as experimentações é de suma importância na construção da vida e das aprendizagens das crianças.

É fundamental a criança ter um espaço povoado de objetos com os quais possa criar, imaginar, construir e brincar. Mas é preciso que isso tudo esteja relacionado ao olhar atento e afetivo do professor e que os alunos possam interagir, tanto com o meio e com os objetos, quanto com os colegas que fazem parte da rotina diária dos mesmos. Portanto, é de suma importância que pensemos nas propostas e nas ambiências preparadas e organizadas, ou seja, naquilo que oferecemos às crianças durante nossas aulas. Nesse sentido, Barbosa (2006) traz referência a este assunto:

[...] é preciso refletir e planejar as atividades cotidianas, dar-se conta do que há de educativo, de cuidados e de socialização nas atividades, nas conversas, nos atos que são realizados com as crianças, ver e escutar o que há de alegre, de imprevisto, de inusitado, de animado no convívio cotidiano, saber um pouco mais sobre o que se está realmente fazendo quando se organiza o ambiente de certa maneira quando se solicita certa atividade, se demandam certos comportamentos e se oferece determinado tipo de material. (BARBOSA, 2006, p. 203).

Esse olhar sensível do professor é que fará diferença no decorrer das relações que serão estabelecidas entre professor/aluno e aluno/aluno e nas transformações das crianças pequenas ao longo do ano letivo. Portanto, a interação professor/aluno ultrapassa os limites profissionais, escolares. É, na verdade, uma relação que deixará marcas, e que deverá sempre buscar a afetividade e o diálogo como formas de construção do espaço escolar.

É necessário pensar se, na educação infantil, faz sentido separar momentos de brincar dos momentos de aprender. Essa simultaneidade pede que espaços e rotinas da escola sejam planejados, de modo a proporcionar multiplicidade de experiências e contato com diferentes

linguagens o tempo todo. É nessa ambiência de aprendizagem onde as crianças irão socializar-se e construir sua aprendizagem e autonomia.

A figura 22 representa um exemplo de transformação do desenho de uma aluna, após um mês de trabalho e intervenção docente, em que a preocupação era a de ir além de um ambiente organizado. Foi necessário que se fizessem propostas que partiam do olhar sensível às necessidades das crianças, que se estabelecessem relações afetivas com as elas, que se preparassem ambientes convidativos para os momentos das “desenhagens”. Pode-se perceber o crescimento do traçado de uma aluna de 4 anos. O desenho da direita foi realizado no início do trabalho de investigação, o desenho da esquerda, um mês depois. A proposta era a mesma nos dois desenhos – fazer o seu autorretrato – porém, em suportes diferentes.



Figura 22: Transformação na expressão gráfica de uma aluna.
Fonte: Acervo da autora. 2018.

A aluna apresentou uma mudança bastante significativa em pouco tempo do trabalho. Esse era meu convite à vida na sala de aula com crianças pequenas. Acredito que a junção de uma acolhida afetuosa e uma preparação para as propostas a serem desenvolvidas fizeram com que esta aluna conseguisse despertar o interesse e transformar as suas descobertas. Em seus desenhos, nos mostrou suas transformações de modo visível. Saltini (1997), sobre isso, faz referência da seguinte forma: “O afeto buscando o prazer transforma em interesse e este por sua vez provoca a interação com o meio.” (SALTINI, 1997, p. 83).

Contudo, vejo a importância do professor de crianças pequenas preocupar-se com as relações afetivas, as trocas, as construções com o grande grupo, tendo em vista como bastante significativas no processo escolar do aluno. Saltini (1997) aponta um trecho em que retrata

essa questão: “A criança deseja e necessita ser amada, aceita, acolhida e ouvida para que possa despertar para a vida da curiosidade e do aprendizado.” (SALTINI, 1997, p. 89).

A ideia do trabalho desenvolvido para a recolha de elementos discutidos neste TCC foi a de proporcionar, às crianças, momentos e ambiências que despertassem e permitissem que estas pudessem experimentar de diferentes ângulos, com diferentes materiais, de diversas formas objetos e cenários que compõem o seu cotidiano.

Pensou-se, sempre, nessa educação à base do afeto, da amorosidade. Amorosidade essa, que se dava na oferta de propostas de atividades que envolviam a criatividade, a arte, a imaginação, o manuseio de objetos, na preocupação da elaboração dos espaços em que as crianças iriam circular e interagir e no acolhimento que o professor teve com seus alunos. Conforme Girardello (2010), importam:

[...] a arte e a imaginação presentes em cada dia das crianças que chegam à Educação Infantil; que a escola seja um lugar onde elas possam explorar plenamente o laço entre as produções culturais para e das crianças, exercitando de modo significativo as múltiplas linguagens da aventura humana. (GIRARDELLO, 2010, p. 160).

O objetivo principal sempre foi o de que as crianças pudessem vivenciar diversas descobertas de diferentes maneiras. Foi pensando nisto, que as propostas eram diversificadas, que os espaços envolvidos eram preparados de forma a convidar as crianças a participarem, envolvendo-as, constantemente, de maneira amorosa e sensível em cada dia em que estávamos juntas. Assim, penso no papel do professor como condutor desses alunos que ali estão, para que a educação e as aprendizagens tenham sucesso.

Nesse contexto, busco novamente Girardello (2010), ao apontar que “[...] lembramos que a formação do(a) professor(a) de educação infantil precisa ser uma formação para o desenvolvimento estético, que explore aspectos perceptivos, especialmente nas artes visuais, na literatura, no teatro, na música, na dança.” (GIRARDELLO, 2010, p. 160).

É acreditando que as aprendizagens se dão através das interações com o meio, com os objetos, com os professores e com os colegas, que é importante que se pense na estrutura ofertada aos pequenos para que essas possam acontecer de forma a estimular e enriquecer a vida dos alunos, por intermédio das artes, das explorações e das descobertas. Assim:

Uma educação pautada nas artes propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana. A pessoa desenvolve a sensibilidade, a percepção e a imaginação, na medida em que aprende a apreciar diferentes manifestações artísticas, atribuindo-lhes significados diversos e podendo, inclusive, transformá-la. (SCHLINDWEIN; NADALETO, 2006 apud GIRARDELLO, 2010, p.161).

Ao se pensar, então, no cuidado como forma afetiva de prática docente, do lúdico, do estético, permeando as condutas e práticas que foram realizadas ao longo de um trabalho educativo na escola infantil, afirmo que é fundamental, que todos tenham acesso a essa educação para o sensível, para a afetuosidade, para a amorosidade.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Simone. Crianças em contextos familiares. In: **Lugar de criança na escola e na família: a participação e o protagonismo infantil**. Porto Alegre: Mediação, 2018.
- ALMEIDA, Ana Rita Silva. **A emoção na sala de aula**. Campinas: Papyrus, 1999.
- AMORIM, Katia de Souza. 2002. In: **Olhando a criança e seus outros: uma trajetória de pesquisa em educação infantil**. ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde; AMORIM, Katia de Souza; OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. 2002 Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51772009000300008>. Acesso em: 09 set. 2018.
- BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **Por amor e por força: rotinas na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- CAMPOS, Maria Malta. Por que é importante ouvir a criança? A participação das crianças pequenas na pesquisa científica. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira (Org.). **A criança fala**. São Paulo: Cortez, 2007.
- CERISARA, Ana Beatriz. Educar e cuidar: por onde anda a educação infantil? **Perspectiva, Florianópolis**, v. 17, n. Especial, p. 11-21. dez. 1999.
- CORSINO, Patrícia. As crianças de seis anos e as áreas do conhecimento. In: BEAUCHAMP, Jeanete; PAGEL, Sandra Denise; NASCIMENTO, Aricélia Ribeiro do (Org.). **Ensino fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.
- DORNELLES, Leni Vieira; FRASSÃO, Magali. Ver diferentes (ver)sões é legal!: um trabalho de curadoria feito por crianças no museu universitário da UFRGS. In: **Anais. IV Simpósio Luso- Brasileiro em estudos da criança: por uma luta sem fronteiras na defesa dos direitos das crianças**. Goiânia, 2018.
- DORNELLES, Leni Vieira; LIMA, Patrícia. Percurso da pesquisa com crianças. In: DORNELLES, Leni Vieira; MARTINS FILHO, Altino. **Lugar da criança na escola e na família: a participação e o protagonismo infantil**. Porto Alegre: Mediação, 2018.
- EGAN, Kieran. 1992. In: GIRARDELLO, Gilka et al. **Educação Infantil e formação de professores: Arte, imaginação e mídias na educação infantil**. 2012 Disponível em: <http://ndi.ufsc.br/files/2013/09/Livro-educ_infantil-e-forma%C3%A7%C3%A3o-de-professores.pdf>. Acesso em: 13 out. 2018.
- GIRARDELLO, Gilka et al. Arte, imaginação e mídias na educação infantil. 2012 p. 159-177. In: **Educação infantil e formação de professores**. FLÔR, Dalânea Cristina; DURLI Zenilde (Org.). Florianópolis. Ed. da UFSC, 2012. Disponível em: <http://ndi.ufsc.br/files/2013/09/Livro-educ_infantil-e-forma%C3%A7%C3%A3o-de-professores.pdf>. Acesso em: 13 out. 2018.

GIRARDELLO, Gilka. Imaginação: arte e ciência na infância. **Pro-Posições**, Campinas, v. 22, n. 2 (65), p. 75-92, maio/ago. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pp/v22n2/v22n2a07.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2018.

HORN, Maria da Graça. **Sabores, cores, sons, aromas**: a organização dos espaços na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, 2002.

OSTETTO, Esmeralda Luciana. **Planejamento na educação infantil**: mais que a atividade, a criança em foco. Campinas, Papirus. 1992.

PROUT, Alan. Participação, políticas e as condições da infância em mudança. In: MULLER, Verônica. **Infância em perspectiva**: políticas, pesquisas e instituições. São Paulo: Cortez, 2010.

ROCHA, Eloisa Acires Candal. Por que ouvir as crianças? Algumas questões para um debate científico multidisciplinar. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira. (org.). **A criança fala**. São Paulo: Cortez, 2007.

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde; OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. Um diálogo com a sociologia da infância a partir da psicologia do desenvolvimento. In: **Teoria e práticas na pesquisa com crianças**: diálogos com William Corsaro. São Paulo: Cortez, 2009.

ROSSINI, Maria Augusta. **Pedagogia afetiva**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

SALTINI, Cláudio. **Afetividade e inteligência**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

SCHLINDWEIN; NADALETO, 2006. In: GIRARDELLO, Gilka et al. **Educação Infantil e formação de professores**: Arte, imaginação e mídias na educação infantil. 2010. Disponível em: <http://ndi.ufsc.br/files/2013/09/Livro-educ_infantil-e-forma%C3%A7%C3%A3o-de-professores.pdf>. Acesso em: 12 out. 2018.

APÊNDICE A – Termo de consentimento informado – da criança



Termo de Consentimento Informado da Criança

Este papel de nome estranho – “Termo de Consentimento Informado da Criança” – é, na verdade, um papel que explica o que vamos fazer durante esta pesquisa e quais são teus direitos de participante.

Depois de lermos juntos, tu poderás levá-lo para casa e mostrar para teus pais ou para um responsável antes de assiná-lo e dizer que tu queres participar e me ajudar neste trabalho.

Mas não fique preocupado(a), tu também podes mudar de ideia em qualquer momento e desistir das entrevistas, ok?

O que será feito?



- Durante o tempo em que estarei aqui com vocês, iremos tirar muitas fotos para que eu possa ver depois e usar em trabalhos da faculdade e, também, no meu trabalho final.
- Anotarei as tuas falas para que eu possa usar no meu trabalho, sem divulgar teu nome.
- Nós vamos nos encontrar quatro vezes por semana.
- Caso tu não queiras fazer alguma das atividades, poderás não fazê-la.

- Tudo aquilo que a gente fizer nos encontros vai ser guardado por mim de forma bastante segura.



- As tuas falas, desenhos e fotografias vão ser utilizados no meu trabalho. Mas eu não vou usar teu nome real. Eu não vou falar com ninguém que conheças sobre o que tu me falares nas brincadeiras e nas propostas.



Depois de ter lido e entendido o que vai ser feito nesta pesquisa eu, _____ ,
Aceito participar!!
Deixe, aqui, a tua marca.

Porto Alegre, de de 2018.

APÊNDICE B - Termo de consentimento informado – dos responsáveis



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

Termo de consentimento informado – dos responsáveis

Eu,, responsável por
, autorizo
 (sem qualquer implicação financeira para ambas as partes) a,
,
 a utilizar registros fotográficos das crianças em ações nas propostas realizadas durante o
 estágio docente do curso de Graduação da Pedagogia da UFRGS.

Pela Instituição

Professora Coordenadora da Pesquisa

Porto Alegre, 2018.